

CONGRESSO DA ABRALIC
RIO DE JANEIRO - UERJ
DE 31 JULHO A 4 DE AGOSTO

MESA: POLÍTICAS CULTURAIS E LITERÁRIAS

PARTICIPANTES: PATRICK IMBERT E ZILÁ BERND

Coordenação: Ana Claudia Almeida

PERSPECTIVAS COMPARADAS TRANS-AMERICANAS

Zilá Bernd
UFRGS/CNPq

Preâmbulo

Cabe-me agradecer à presidência da ABRALIC por esta oportunidade de mostrar, à comunidade brasileira e internacional de comparatistas que se reúne no âmbito desse *forum* privilegiado que é o Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada – Lugares dos Discursos, com seus mais de 2.500 inscritos, o trabalho que alguns pesquisadores brasileiros vêm desenvolvendo em parceria com equipes canadenses e quebequenses em uma linha de pesquisa que chamamos de relações culturais e literárias inter-americanas. A presença de Patrick Imbert, da Universidade de Ottawa, que vem integrando diversas equipes de pesquisadores latino-americanos, atuando como um *passer* cultural entre o Norte e o Sul do continente americano, é também motivo de grande satisfação, pois nos permitirá falar desse viés comparatista que põe em relação as questões relativas às transferências culturais e à americanidade, se é que se pode falar desse tipo de

identidade mais ampla que se configura em nível trans-nacional, num esgarçamento voluntário de fronteiras e procurando corrigir as relações assimétricas das zonas de contato. O trabalho visa igualmente destacar algumas das políticas culturais canadenses para avaliarmos seu alcance e a oportunidade de paralelismo com políticas culturais em vias de implantação no Brasil, como a atribuição de quotas a grupos específicos.

Já são sobejamente conhecidos dos comparatistas brasileiros, um certo número de pesquisadores canadenses como Linda Hutcheon, Walter Moser, Northrop Fry, Simon Harel, Gérard Bouchard, Patrick Imbert, Pierre Nepveu, Régine Robin, entre outros. Muitos teóricos brasileiros e latino-americanos como García Canclíni, Cornejo Polar, Ana Pizarro, Silviano Santiago, Antonio Candido, Luiz Costa Lima, Leyla Perrone-Moisés e Maria Bernadette Porto entre outros, são lidos, discutidos e citados em *papers* acadêmicos no Canadá. Contudo, muito ainda pode ser feito nesse caminho de (re) conhecimento recíproco, via de mão dupla que fertilizará as trocas inter e trans culturais.

Quais as vantagens de desenvolver uma linha de relações culturais inter e trans-americanas no âmbito dos estudos culturais e comparados? É preciso partir do princípio de que não existe “uma grande narrativa homogênea das Américas” e que absolutamente não se trata aqui de propor visões utópicas de um pan-americanismo ultrapassado. No âmbito das Américas, cada território cultural, embora tenha se confrontado com problemas semelhantes como ter que se exprimir na língua do outro (colonizador) e fabricar seus próprios processos de autonomização literária à revelia da força hegemônica das matrizes européias, cada um elaborou suas próprias respostas e suas soluções originais, através de uma diversidade de estratégias que revelam similitudes e diferenças. Apesar da prodigiosa heterogeneidade de respostas - desde as estratégias de sobrevivência até as que envolvem astúcia e malandragem - que emergiram de norte a sul do continente nos períodos colonial e pós-colonial, a recorrência de um certo número de figuras e a re-escritura de mitos de origem européia que são retomados, parodiados e canibalizados pelos escritores americanos é surpreendente. Todos, de norte ao sul, tiveram que realizar, com maior ou

menor intensidade, o que Régine Robin chama de “deuil de l’origine” (luto da origem)¹, tendo a tarefa urgente de se apropriar da língua do outro para que ela se torne “sua”, própria a exprimir o literário e o identitário das Américas. O estudo comparado das estratégias de trapacear com os códigos “oficiais”, abrindo espaço para os enriquecedores processos de mestiçagem e hibridação, na busca de criar espaços de habitabilidade no continente e de fundar um lugar de enunciação propriamente americano, pode ser realmente fascinante. A linha de pesquisa que enfatiza as relações transversais entre as Américas busca sobretudo flagrar operações que colocam as comarcas culturais das Américas (no plural, como enfatiza Imbert em seu texto) em situação de convergência, tais como as que envolvem a ultrapassagem do trauma da fratura em relação às metrópoles e a re-invenção de novas vias de recomeço e renovação que se associam à apropriação de territórios já ocupados, visando prover as jovens nações em emergência nas Américas de uma memória longa e de uma densidade simbólica.

É de fundamental importância, para melhor podermos acompanhar o pensamento crítico e filosófico quebequense e canadense, entender as principais políticas culturais que transitaram e transitam pelo país nas últimas décadas.

Transferências culturais

A reflexão sobre as transferências culturais no contexto das Américas revela-se eficaz na medida em que o conceito de transcultura parece apresentar vantagens sobre os de multiculturalismo e interculturalismo, por exemplo, que corresponderam também a tentativas de pensar a diversidade e as políticas de gerenciamento das múltiplas culturas em contato no espaço do Novo Mundo.

Enquanto o **multiculturalismo**, no contexto canadense, se fundamentou na justaposição de grupos etnoculturais ou comunidades culturais, como são chamadas as comunidades de imigrantes no Quebec, formando um mosaico, tendendo à segmentação e ao isolamento, o **interculturalismo**, resposta quebequense ao multiculturalismo, procurou ser um entre-lugar entre a

¹ Para o imigrante trata-se de trabalhar a perda de sua origem, através do trabalho positivo do luto que não corresponde a mergulhar na melancolia e na nostalgia do que foi deixado para trás; é pelo trabalho do luto da origem que a América poderá torna-se ponto de múltiplas partidas.

política estadunidense do *melting pot*, que tendeu fortemente à homogeneização e à pasteurização das diferenças culturais, e o multiculturalismo que, embora concebido para preservar as culturas de origem e promover ao mesmo tempo a identidade nacional, acabou favorecendo o desenvolvimento de compartimentos estanques. Neil Bissondath, em *Selling illusions* (1994), foi um dos grandes críticos do multiculturalismo, em suas duas primeiras versões, de 1971 e 1975, acusando esta forma de política social e cultural de ter praticado o que ele chamou de “appropriation voices” (“apropriação da voz”, tentativa de impor o princípio de que só índio poderia falar sobre índios, só negro poderia falar ou escrever sobre negros, etc.). Para Bissoondath

“Multiculturalism, with all of its festivals and its celebrations, has done – and can do – nothing to foster a factual and clear-minded vision of our neighbours. Depending on stereotype, ensuring that ethnic groups will preserve their distinctiveness in a gentle and insidious form of cultural apartheid, multiculturalism has done little more than lead an already divided country down the path to further social divisiveness”.

O estabelecimento da política de quotas, que permitiu efetivamente uma maior integração de minorias, acabou constituindo-se no que Bissoondath chama de “gentil e insidiosa forma de *apartheid* cultural, tendo sido revisto em grande parte em sua nova edição de 1995, a partir de reivindicações dos próprios grupo favorecidos.

Situando-se em um entre-lugar, o interculturalismo deveria corresponder à harmonização entre o desejo dos imigrantes de preservação de suas identidades culturais e o sonho quebequense de construção de uma nação, alicerçada na convergência cultural e em uma identidade nacional sem ambigüidades.

Embora multiculturalismo e interculturalismo correspondam a políticas culturais integracionistas oficiais do Estado, diferentemente do transculturalismo que está sobretudo associado a objetivos intelectuais de interpretação das fricções entre culturas diversas com diferentes estatutos, em presença nas Américas, é lícito colocá-los em perspectiva quando se trata de esboçar projetos de políticas culturais e literárias para as Américas. Trata-se de analisar o impacto das transferências culturais e dos conseqüentes processos de mestiçagem e de hibridação sobre as identidades nacionais.

Esses dois modelos (multi- e inter-) de organização das diferenças culturais, tornam-se insuficientes, na virada do século, quando observa-se uma crescente situação de trânsito entre culturas, de aceitação cada vez maior de mesclas e de intercâmbios entre diferentes comunidades culturais que chegam continuamente ao Canadá. Tanto o multiculturalismo quanto o interculturalismo se pautaram pelo princípio da não hierarquização das culturas e, portanto, pelo reconhecimento (lembramos que Charles Taylor define o multiculturalismo canadense como sendo uma política do reconhecimento) das mais variadas práticas culturais em solo canadense, o que foi extremamente positivo. Contudo, o conceito de **transculturização** e de transferências culturais parece ser o mais adequado à realidade da condição pós-moderna, onde há trocas, intercâmbios, perdas e ganhos nas passagens de uma cultura a outra, gerando produtos culturais outros que trazem as marcas indeléveis tanto da cultura de origem quanto da cultura de chegada. O conceito revela-se operacional notadamente quando se trata de refletir sobre as relações culturais e literárias inter ou trans americanas e seu impacto sobre o identitário nas Américas, o que constitui o objetivo maior de nossos esforços de pesquisa no campo dos estudos canadenses e das relações culturais e literárias trans-americanas.

Através da utilização do conceito de transculturização – que foi pela primeira vez conceituado na América Latina, por Fernando Ortiz – leva-se para o Norte (Canadá) um conceito formulado no Sul (América Latina, Cuba), dando origem a um neologismo em francês onde “transculturização” ainda não é palavra dicionarizada, embora venha sendo usada nos últimos anos. A perspectiva transcultural, ao estabelecer um diálogo entre as comunidades culturais, inaugura caminhos de reciprocidade nas relações culturais, garantindo-se com isso a fertilidade das trocas. A noção de transcultura foi relançado no Quebec, sobretudo entre os anos 1983 e 1996, pelo grupo que animou a revista trilingüe (francês, inglês e italiano) *Vice versa*. Tendo sido desenvolvido pelos escritores migrantes italianos radicados em Montreal: Lamberto Tassinari, Fulvio Caccia e Antonio d’Alfonso, “transcultura” tem relação com outras noções que também circularam em *Vice versa* como hibridação cultural, *hors lieu* e mestiçagem. Para tais autores **trans** (de transculture) “revela-se particularmente rico de

conotações; remete à translação, à transgressão, à transição, ao que é lateral e tangencial” (Dion, 2003).

O prefixo **trans**, que comporta as noções de ultrapassagem, de ir além, de sair de si mesmo, engendrando novas formas de conhecimento e de relação com o mundo é, pois, mais performante, no inevitável contexto de globalização em que vivemos, do que “inter” e “multi”. Foi, portanto, impulsionados pela transculturação e pelos constantes deslocamentos e travestimentos por que passou esse conceito, desde sua utilização primeira em 1940 até os dias de hoje, que podemos refletir sobre autores do Canadá, do Caribe e da América Latina, procurando, em última análise, retrazar a caminhada, ainda inacabada, dos autores das três Américas em busca de sua definição identitária, de sua relação com a América e de sua pertença – ou não - a uma identidade mais ampla e abrangente que chamamos de **americanidade**.

Acompanhamos as origens deste apaixonante debate que se iniciou na América Latina, quando a questão da *americanidad* empolgou a intelectualidade do final do século XIX, e seus desdobramentos no Canadá e no Quebec, onde o tema da *américanité* vem despertando acirradas polêmicas nos meios intelectuais nos últimos 30 anos. Gérard Bouchard, cuja reflexão sobre o Canadá e o Quebec privilegia as perspectivas comparatistas, notadamente com a Austrália, a Nova Zelândia e a América Latina, considera que uma cultura nacional no Quebec só emerge quando esta se torna verdadeiramente americana, isto é, quando ela se deixa impregnar por neologismos, impurezas e transgressões associadas ao espaço cultural do Novo Mundo. Apesar de argumentar em favor da americanidade, o historiador é prudente quando se trata de construir uma nova utopia das Américas. Ele questiona, por exemplo, as postulações de Jean-François Côté quando este fala da constituição de “uma grande narrativa das Américas”, vendo-a como mais uma utopia americana fadada ao fracasso como já o foram o *melting pot*, o *american dream*, nos Estados Unidos, a *raza cosmica* (Vasconcelos), a “democracia racial” brasileira e tantas outras. Embora reconhecendo o contexto cultural das Américas como heterogêneo e híbrido, Jean-François Côté argumenta fortemente pela renovação

de uma grande narrativa das Américas, centrada na afirmação de uma pertença continental, para além da afirmação das identidades nacionais. Bouchard vê nesta proposta a emergência de mais uma utopia destinada como as anteriores ao fracasso. Mas fica a pergunta: o processo de transculturação, que caracteriza a formação cultural das Américas, não seria um mecanismo favorecedor do ressurgimento de utopias? Concordamos com Bouchard quando ele se mostra reticente em relação à constituição de “uma grande narrativa das Américas”. Justamente o evocado fato transcultural e a movência pós-moderna nos obrigada a nos colocar em guarda quanto aos perigos de uma cristalização discursiva que tal visada utópica poderia conter, o que não impede que percebamos as Américas e seus produtores culturais como fontes inesgotáveis de novas utopias.

Em suma, a reflexão sobre as transferências culturais é essencial no contexto da pós-modernidade, pois permite romper com um pensamento do imobilismo comunitário, do sedentarismo e da pertença inquestionável a um lugar. Para Simon Harel, da Université du Québec à Montréal, o discurso transcultural que fertilizou a intelectualidade quebequense dos anos 80, permitiu acolher uma espécie de identidade que ele chama de palimpsesto que “o discurso nacional não conseguia nomear”. Tornara-se urgente, para a realidade do Quebec, nomear uma identidade migrante multiforme, “um sítio de acolhida que fazia do Quebec um espaço crítico de vida e de morte” (Harel, 2005, p. 236). Segundo esse autor, a escritura migrante, festejada pela crítica como aquela que viria revigorar a literatura quebequense por introduzir a diversidade e trazer para o espaço fechado do Quebec, preocupado com a afirmação da identidade nacional e francófona, a necessária renovação transcultural, se revela também um discurso melancólico, voltado em grande parte para o trabalho do luto da origem, o qual nem sempre é alcançado. Os sujeitos migrantes, tendo compreendido que a origem é uma casa vazia, como escreveu o escritor quebequense de origem haitiana, Émile Olivier, dão ênfase, aos fenômenos da habitabilidade e da localização. A exploração das modalidades contemporâneas da enunciação do lugar habitado demonstra, segundo Harel, a emergência de novas hibridações que “vão estabelecer as bases de um imaginário territorial atualizado”(Harel, 2005).

A ultrapassagem do *trans*

Segundo Harel, o *trans* como utopia, cairá na mesma armadilha em que caíram os conceitos de multi e inter-culturalismo se ele não for capaz de romper o antagonismo irreduzível entre, de um lado, a inscrição do «soi» na territorialidade e na ascendência genealógica e, de outro, a concepção pós-moderna da identidade disseminada no lugar, no exílio e na errância. Para o autor, a pós-modernidade, de um modo geral, nega o princípio do enraizamento em favor de pertencas rizomáticas, apagando de algum modo a idéia de pertença associada ao lugar. Harel considera irrealista sustentar o reconhecimento das diferentes comunidades culturais do Quebec, sem postular a “passagem obrigatória” por espaços geográficos inscritos no imaginário das coletividades visadas e que geram sentido nos processos de identificação que as caracterizam. De onde a tese de revalorização do **lugar habitado**.

Dominique Boxus, relendo Harel do ponto de vista da revisão do conceito de nação, se pergunta se o crítico quebequense não estaria aqui propondo uma terceira via, um outro mito de nação ou até mesmo uma nova utopia nacional. A utopia do *trans*, reformulada pelo autor, deixaria entrever o que parece ser uma terceira via de representação nacional, corrigindo o que ele considera uma deformação, na medida em que os defensores dos multi, inter e transculturalismos, ao deplorarem o conceito de nação homogênea e ao louvarem o novo ideal de sociedade preocupado com o reconhecimento de particularismos identitários, acabaram gerando um contra-modelo sem nuances, incapaz de perceber algo que, no modelo homogêneo, mereceria ser conservado. Em face disto, Harel reivindica “o lugar singular da habitabilidade no âmbito de nossos discursos e práticas. Esta habitabilidade não corresponde à reivindicação confusa de um “*lieu d’être*”, que coincidiria com a idéia de refúgio, de nicho.” (Harel. 2005, p. 11). A habitabilidade não coincidiria tampouco com o conceito fora de moda de “home”, nem seria uma panacéia cômoda; seria um entre-lugar entre um pensamento da desterritorialização (que recusa a noção de lugar) e um pensamento da pertença, que recusaria a idéia de um patrimônio cultural mestiço e compartilhado. A noção de habitabilidade remeteria, assim, a um

lugar de múltiplos e complexos enraizamentos, podendo acolher todas as significações. Esse processo de ressemantização do *trans* põe em evidência o papel exercido pelo imaginário da *trace* na composição *mestiça* de um espaço cultural e literário quebequense que não se confunda nem com a valorização exótica do outro – imigrante – nem com uma espécie de “retomada mimética do paternalismo colonial” ou com algo parecido ao que Harel chama de “*miroir complaisant pour la communauté majoritaire*”.

Americanidade compartilhada

Gostaria de concluir a presente reflexão, que pretendeu realçar os pontos fortes da crítica canadense - preocupada com as questões relativas ao entre-lugar, aos deslocamentos, à nação e à trans-nação, à integração das comunidades culturais, às literaturas migrantes e aos imaginários – bem como chamar a atenção para as políticas culturais canadenses e seus objetivos de administrar e harmonizar a diversidade cultural - evitando os riscos de guetoização das culturas minoritárias -, enfatizando a importância da noção de americanidade compartilhada, que pode proporcionar formas mais eficazes de comunicação e divulgação das experiências sociais e culturais vividas de norte a sul de nossa América. Um sistema de trocas mais efetivo poderia lançar luz sobre o pungente debate atual na sociedade brasileira em torno da política das quotas, experiência já vivida no contexto canadense.

Essa americanidade compartilhada poderia vir a oportunizar um recentramento em termos das Américas. Tal recentramento não deve se confundir com a substituição da norma eurocêntrica por um americano-centrismo baseado em exclusões. Penetrar o imaginário coletivo das Américas, desvendando sua densidade simbólica, acompanhar a migração e a transformação de figuras e mitos no contexto das três Américas, analisando suas convergências, poderá nos trazer respostas eficazes para as situações de assimetria cultural e revelar estratégias de crioulização e mestiçagem surpreendentes. A proposta é a de tentar ver nos escritores americanos a sua vocação de viajantes transculturais, de homens restolhados (*rapaillés*, como no

título do poema célebre de Gaston Miron), que recolhem materiais já utilizados para lhes dar novas utilizações, assegurando, assim, a sobrevivência de vestígios e fragmentos de suas memórias antes da travessia em direção às Américas, caracterizando o que Harel chama de identidades palimpsesto.

O grande poeta do Quebec, Gaston Miron, empregou a expressão *rapaillé*, traduzida por Flávio Aguiar por restolhado, “como símbolo de reconstrução do humano sob os escombros da civilização” (Aguiar, 1994, p. 7), em um momento difícil da província do Quebec, marcado, ao mesmo tempo, por uma profunda crise das utopias e por uma grande esperança de poder (re)despertá-las.

O estudo da inscrição de figuras e mitos em textos literários das Américas, trabalho no qual estamos empenhados nos três últimos anos, nos leva à constatação da urgência dos escritores em relançar o tema das utopias de renovação, figura da americanidade por excelência, imbuídos da necessidade de confirmar o Novo Mundo, como espaço possível de recomeço e renovação. Observa-se, contudo, concomitantemente, uma outra urgência que corresponde à necessidade de desconstrução do sonho americano, das Américas como terra de utopia. Em textos da modernidade tardia, autores americanos de diferentes latitudes modificam a trajetória do discurso literário, revertendo o *american dream* para expressar a constatação do fracasso das grandes utopias fundadoras e da impotência do novo continente em resolver relações sociais e culturais baseadas na desigualdade e marcadas pela assimetria. Vê-se nesses textos a impossibilidade da literatura manter seu frescor simbólico e a esperança de renovação que pontuou a literatura das Américas em seus momentos inaugurais, quando os escritores reescreveram muitas vezes o mito do Novo Adão, em um Novo Mundo pródigo em promessas.

A falência das utopias, contudo, não impedirá os escritores de sonhar a América, de propor novas formas de reinventá-la e de vislumbrar maneiras de re-encantar a marcha do mundo. O método de comparatismo cultural e literário que põe as três Américas em perspectiva poderá contribuir para uma melhor compreensão dos processos de reatualização e transferência dos mitos no universo simbólico dos textos literários e para o desvendamento de uma

possível gramática dos imaginários coletivos das Américas, como pretende o historiador quebequense Gérard Bouchard.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, Flávio. Prefácio. In; MIRON, Gaston. O homem restolhado. Trad de Flávio Aguiar de *L'homme rapaillé*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Z. L'américanité; transferts culturels. *Interfaces Brasil/Canadá*, Porto Alegre, ABECAN, 2002, n.2. O artigo tem versão em português em: BERND, Z. Americanidade e americanização. In Figueiredo, E., org. *Conceitos de literatura e cultura*. Rio de Janeiro e juiz de Fora: UFF e UFJF, 2005. p. 7-12.

BISSOONDATH, Neil. *Selling illusions*; the cult of multiculturalism in Canada. Penguin Books, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOUCHARD, G. *Génèse des nations et cultures du Nouveau Monde*. Montréal : Boréal, 2000.

BOUCHARD, G. Sur le métissage et l'identité. Trabalho apresentado no *Colóquio Brésil@Montréal; penser les transferts culturels*. Montréal: UQAM-ICCS, dez.2002.

..... Le Québec, les Amériques et les petites nations: une nouvelle frontière pour l'utopie? In CUCIOLETA et alii, éds. *Le grand récit des Amériques*. Québec: Editions de l'IRQC, 2001. P. 179-189.

BOXUS, Dominique. *La nation et ses mutations*. Porto Alegre : PPG/Letras/UFRGS. Tese de doutorado em Letras. Julho de 2006.

CUCIOLETA, D.; CÔTÉ, J.F.; LESEMAN, F. , éds. *Le grand récit des Amériques*. Québec: Ed. de l'IRQC, 2001.

DION, R. Un Québec inter-, multi- ou transculturel? De l'ambiguïté de quelques volontés d'"aménagement culturel". IN: BERND, Z. *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003. Col. Ensaios.

- FREITAS, LIVIA. Transculturação e transculturação narrativa. IN: FIGUEIREDO, E., org. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora : Ed. UFJF e Rio de Janeiro : UFF, 2005. p. 465- 488.
- GIGUÈRE, Suzanne, éd. **Passeurs culturels**; une littérature en mutation. Les Presses de l'université Laval, 2001.
- GLISSANT, Édouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Montréal: PUM, 1995.
- GRUZINSKI, Sergio. Happy together. IN: *La pensée métisse*. Paris: Fayard, 1999. P.303-316.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HAREL, Simon. *Les passages obligés de l'écriture migrante*. Montréal : XYZ, 2005. (Coll. Théorie et littérature)
- LAMORE, Jean. Transculturation: naissance d'un mot. IN: LACROIX, J.-M. & CACCIA, F., éd. *Métamorphoses d'une utopie*. Paris: Presses de la Sorbonne nouvelle/ Tryptique, 1992. P. 43-47.
- MOISAN, C. & HILDEBRAND, R. *Ces étrangers du dedans*; une histoire de l'écriture migrante au Québec. Québec: Nota Bene, 2001.
- ORTIZ, Fernando. Del fenómeno de la transculturación y su importancia en Cuba. IN *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco (1940)*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.
- TASSINARI, L. "Le projet transculturel". IN CACCIA, F. *Sous le signe du Phénix. Entretiens avec quinze créateurs italo-québécois*. Montreal: Guernica, 1985. P.291-305.
- TAYLOR, Charles. *El multiculturalismo y « la política del reconocimiento»*. México: Fondo de cultura economica, 1993.
- SPITTA, Silvia. *Between two waters. Narratives of transculturation in Latin America*. Houston : Rice University Press, 1995.